

PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DE MORBIDADE DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES INDÍGENAS ATENDIDOS NA CASA DE APOIO À SAÚDE INDÍGENA DE CAMPO GRANDE-MS, 2015-2016

CORREIA, Thamires Durans¹ (thamires_durans@hotmail.com); **FERRI, Erika Kaneta²** (erika@uems.br).

¹Discente do curso de Medicina da UEMS – Campo Grande;

²Docente do curso de Medicina da UEMS – Campo Grande.

A literatura que trata de morbidades referentes às faixas etárias de crianças e adolescentes se mostra de forma ainda insipiente e aborda principalmente a saúde infantil, não havendo estudos relevantes sobre a caracterização epidemiológica de doenças entre adolescentes. Estudos realizados com crianças de várias etnias demonstraram elevadas taxas de morbimortalidade por doenças infecciosas e parasitárias, infecções respiratórias, desnutrição e anemia. O objetivo deste estudo foi analisar o perfil epidemiológico de morbidade de crianças e adolescentes indígenas atendidos na Casa de Apoio à Saúde Indígena (CASAI) de Campo Grande-MS, no período de 2015 a 2016. Trata-se de uma pesquisa transversal, com abordagem quantitativa, do tipo descritivo e exploratório. Foram pesquisados 282 prontuários de crianças e adolescentes indígenas, sendo uma amostragem probabilística, do tipo sistemática. Os dados foram tabulados em Excel e analisados via estatística. Seguiram-se os aspectos éticos. Quanto aos resultados, em relação aos aspectos sociodemográficos, prevaleceu a faixa etária de 10 a 19 anos (34,8%); verificou-se a predominância do sexo feminino (51,8%); e 70,9% eram da etnia Terena. Sobre os encaminhamentos pelo Pólo-base, 37,2% foram de Miranda-MS. Com base nos capítulos do CID-10, houve uma predominância dos fatores que influenciam o estado de saúde (como exames de rotina, consultas), com 27,9%, seguida por malformações congênitas (10,1%) e consequências de causas externas (7,9%). Depois se destacam as doenças do aparelho geniturinário e do aparelho digestivo, com 6,7% cada. Em terceiro plano, chamam a atenção as doenças do sistema nervoso (4,7%) e doenças infecciosas e parasitárias (4,4%). Dos grupos de doenças de cada capítulo, destaca-se o predomínio de: 1,4% toxoplasmose; 0,7% tuberculose respiratória; 1,8% leucemia linfóide; 1,1% anemia por deficiência de ferro; 0,8% diabetes mellitus; 0,8% retardo mental; 2,8% epilepsia; 0,7% úlcera de córnea; 0,7% hipertensão primária; 0,7% insuficiência cardíaca; 1,4% pneumonia; 2,2% hérnia; 0,7% apendicite aguda; 1,1% vitiligo; 1,1% artrite reumatoide juvenil; 2,5% calcinose; 1,1% síndrome nefrítica aguda; 10,1% malformações congênitas. Assim, o estudo reforça a hipótese de transição epidemiológica incompleta, devido expressiva prevalência de doenças crônicas não transmissíveis e baixa prevalência de doenças infecto-parasitárias. Os resultados apontam para causas de internações evitáveis, devendo ser considerados fatores como cultura, processo saúde-doença, acessibilidade ao serviço de saúde e precárias condições socioeconômicas que podem interferir nos resultados.

Palavras-chave: indígenas, saúde, morbidade.

Agradecimentos: À Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), pela concessão de bolsa de iniciação científica ao primeiro autor.

Realização:

UFGD
Universidade Federal
da Grande Dourados

UEMS
Universidade Estadual
de Mato Grosso do Sul

Parceiros:

CAPES

CNPq
Conselho Nacional de Desenvolvimento
Científico e Tecnológico

